

Uma gaiivota às claras, 'comme il faut'

O Festival encerra com a apresentação de uma peça que pairou nos últimos dias sobre Almada: *A gaiivota*, de Anton Tchecov, com direcção do encenador e actor francês Christian Benedetti, pela primeira vez em Portugal. Para este criador, que já montou todas as principais peças do autor russo, “com este texto, Tchecov interroga as nossas capacidades, os nossos meios e as nossas obrigações. Qual é a forma que o teatro deve ter hoje em dia? (‘São precisas novas formas, se não o melhor é não fazer nada’, diz Treplev a Sorine.) Só que alterar a forma de fazer teatro não chega, se não for para perspectivar uma outra forma de olhar e de ver. Isto se quisermos interpelar verdadeiramente quem assiste aos nossos espectáculos; fazê-lo alterar o seu ponto de vista”.

Benedetti foi aluno de Antoine Vitez e o primeiro encenador a montar *Sarah Kane* em França. Em 2011 dirigiu *A gaiivota* (a primeira peça que encenara, ainda no Conservatório, em 1980), e nos 10 anos seguintes mudou-se para a ‘Tchecóvia’: o seu teatro-estúdio em Alfortville, nos arredores de Paris, onde montou sucessivamente as obras-primas de Anton Tchecov com assinalável êxito. “Actores excelentes”, in *Le Monde*; “Uma magia arrebatadora”, in *Télérama*; “Soberbo”, in *Pariscope* — escreveu-se sobre *A gaiivota*. A concluir essa jornada, em 2022 apresentou ‘uma integral de Tchecov’, na qual 17 actores interpretavam as peças *Ivanov*, *A gaiivota*, *Tio Vânia*, *As três irmãs*, *O cerejal*, *Platónov*, e mais alguns actos únicos. Este verdadeiro empreendimento intitulava-se *137 desmaios*: o número exacto das vezes em que as personagens perdiam os sentidos nesse conjunto

de textos. Sobre a criação que agora traz a Almada, afirma que “*grosso modo*, trata-se de um texto em que os velhos querem matar os novos, e vice-versa. Só que Tchecov não nos deixa instalar passivamente nos nossos lugares de espectadores. Obriga-nos a tomar partido”. *Et pour cause*, deixa ficar acesas as luzes da plateia durante a representação.

Na verdade, com uma montagem despojada — sem cenário e utilizando apenas alguns adereços —, n’*A gaiivota* que encerra este ano o Festival, a Benedetti só lhe interessa o sentido: “Em Tchecov as pausas são o âmago da acção e do pensamento. A energia do sentido, dada pelos actores, é a única coisa que conta. O resto é só decoração de

interiores. Já Pasolini dizia que o cinema existe para recriar um passado desaparecido — mas o teatro não, porque só precisa de si mesmo, da sua força”. As suas encenações de Tchecov, construídas com as mãos nuas, têm um ritmo acelerado, intercalado por pausas prenhes de sentido: o próprio autor russo defendia que os seus textos deveriam ser representados como se de um *vaudeville* se tratasse, para que as ideias das personagens chocassem umas nas outras — e para que “o espectador, tomado pela vertigem, fique transido”, deixou escrito.

Amanhã no Palco Grande da Escola D. António da Costa



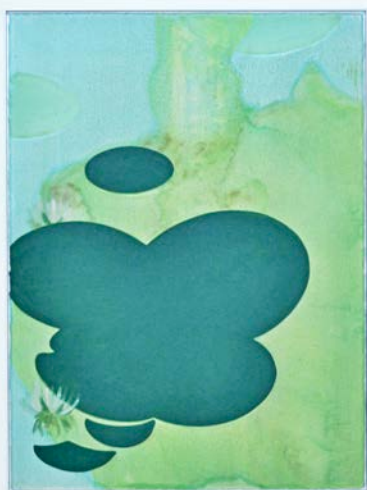
dEbAclE, de Mattia Denisse, até 31 de Outubro

A exposição do autor da imagem do cartaz desta edição do Festival fica patente na Galeria Municipal de Arte de Almada até 31 de Outubro, podendo ser visitada de Terça a Sábado. Na inauguração desta mostra, a 4 de Julho, Denisse revelou que as duas obras de abertura — *Solve et Coagula* e *The Ostrich Technique* — inicialmente não tinham uma conexão aparente com a peça destacada. Porém, após colocá-las lado a lado, essa ligação tornou-se evidente, pois ambas as peças complementavam não só o espaço, como também se completavam uma à outra. Estas duas pinturas, com a temática da camuflagem, apresentam uma

natureza caótica que esconde algo que, nas palavras de Cláudia Ramos, curadora da exposição, “não se ousa exhibir para não correr o risco de expor”.

dEbAclE inclui ainda a peça *Nymphéas VS Hiroshima* (na foto), a obra que deu as cores à 43.ª edição do Festival. Segundo o artista, esta criação caracteriza-se pela união dos nenúfares de Monet, fundador do movimento impressionista, e o cogumelo, invertido, da bomba atômica de Hiroxima, conjugando um elemento natural com a destruição humana, num efeito harmonioso e até sereno.

Pedro Ribeiro



Um desejo chamado *A gaiivota*

As gaiivotas voltaram a sobrevoar a Esplanada. E pipilaram no seu clássico 'kvá-kvá-kvá', já a conversa com Inês Barahona e Miguel Fragata tinha começado a fazer vento. Poderia tratar-se de uma disputa territorial com a dupla de criadores e fundadores da companhia Formiga Atómica, que partilhou os bastidores do espectáculo *Só mais uma Gaiivota*, ou um chamamento de alerta por os terem ouvido falar de aves empalhadas. Mas logo serenaram. Ou talvez tenham temido a mesa do taxidermista, indo rente ao mar, e deixando que escutássemos a viagem embalada pelo desejo de fazer um clássico.

"Todos os dias em qualquer lugar do Mundo há uma *Gaiivota* a ser levada à cena", afirmou Miguel Fragata, apontando a potência enorme do texto de Tchecov, que fez "tangente" com o desejo de um clássico. Porquê *A gaiivota*? Por uma razão com 20 anos — *Só mais uma gaiivota* estreou em 2025 — e que remonta ao seu final de curso na ESMAE, no Porto, onde partilhou o palco e os sonhos à boleia da peça do dramaturgo russo. "Deixei-o a conversar com o texto", explicou Inês Barahona, sabendo que a esperava a tarefa de "colocar palavras onde elas são memórias". Miguel Fragata procurou os companheiros de final de curso e quis saber, 20 anos depois, "onde estavam, que caminhos fizeram", partindo dessa série de entrevistas

para o desenho de uma narrativa "que dialoga entre a obra original e as experiências biográficas".

Foi este processo que contagiou toda a conversa de ontem, moderada por Statt Miller, explorando "a dimensão misteriosa do trabalho de criação" e questionando o sentido "de fazer teatro sobre dilemas dos artistas", num mundo onde "a estranheza da ficção parece habitar a realidade". E onde as personagens, para lá das aves que habitam o cenário, também podem parecer empalhadas. Reflexão pontuada por Inês Barahona, ao citar o cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, que a propósito de Tchecov afirmava: "Só é bom na sala de ensaio: no palco parece morto".

Só mais uma gaiivota, é mesmo só mais uma gaiivota, sublinha Miguel Fragata a Statt Miller, que moderou a conversa: "Somos só mais um a tentar meter-se com este texto", garantindo que esta peça representa ainda "um ciclo que se fecha e um presente que se abre". O fiel público de Almada deixou-lhe elogios e aplausos: "Deu-nos um belíssimo Treplev para o 'agora': referência ao jovem protagonista e dramaturgo da peça de Tchecov, aqui reinventado, e cuja última récita é esta noite no Fórum Municipal Romeu Correia.

Teresa Dias Mendes



© Pedro Castanheira

Prémios Carlos Porto entregues ontem à noite

Mark Brown, jornalista escocês do *Sunday National* (na foto), venceu o 'Grande Prémio Carlos Porto', atribuído pela CMA, com o artigo *Nascido da Revolução: Uma breve história do Festival*. O júri justificou a escolha "pela visão transversal do Festival e da sua história". Foram ainda atribuídos os prémios 'Carlos Porto Imprensa Generalista' (a Gonçalo Frota, do jornal *Público*), "pela cobertura alargada e crítica na versão

impressa e online"; e o 'Prémio Carlos Porto Imprensa Especializada' a Afonso Becerra, "pelo acompanhamento do Festival nas crónicas ou nos textos online nas revistas espanholas *ArtezBlai* e *Erregueté*". O jornal *Público* recebeu uma Menção Honrosa pela forma como fez "a cobertura da última edição do Festival, consubstanciada em artigos assinados por Gonçalo Frota e Inês Nadaís". Estes Prémios foram entregues por Inês de Medeiros, Presidente da CMA, por Rodrigo Francisco e por Teresa Cayolla, viúva do crítico de teatro Carlos Porto.



© Pedro Castanheira

Restaurante da Esplanada

HOJE

Frango crocante com salada de repolho
Choco guisado com puré
Feijoada de abóbora e batata-doce

AMANHÃ

Lasanha de carne
Bacalhau à Gomes de Sá
Salada de arroz com feijão, manga e aipo

O Livro do Dia



2€ na Banca do Festival

Eleição do Espectáculo de Honra 2027

Como habitual, amanhã à noite, o último dia do Festival, à entrada para o espectáculo do Palco Grande o público poderá votar para a eleição do Espectáculo de Honra da próxima edição. Na corrida pelo prémio estão as seguintes criações: *Ansioliticamente Falando*, *SAUDAÇÕES*, *Fratto_X*, *Happy Days*, *Dialogues dans le rêve*, *Burn Burn Burn*, *Mussolini*, *La lettre*, *O beijo no asfalto*, *Só mais uma gaiivota*, *Israel & Mohamed* e *El rey de la farándula*.